

BENJAMIN E SEU CONCEITO DE HISTÓRIA: UM OLHAR MESSIÂNICO

Ana Célia Torres Ibiapina

Eliude Ferreira Lima

RESUMO

A crítica ao historicismo alemão feita por Walter Benjamin em 1940, nas suas teses *Sobre o conceito de História*, expõe uma nova leitura do mundo, com base nas experiências do passado acolhidas pelo presente, em que se vislumbra o conceito de “redenção messiânica” a partir da auto apresentação da verdade histórica no particular, no diferente, em suma, naquilo que é marginal ao sistema.

Palavras-Chave: História. Materialismo. Teologia. Messianismo. Redenção

BENJAMIN AND HIS CONCEPT OF HISTORY: A MESSIANIC LOOK

ABSTRACT

*Walter Benjamin's criticism of German historicism in 1940, in his thesis *On the Concept of History*, sets out a new reading of the world, based on the experiences of the past which the present has embraced, in which the concept of "messianic redemption" from the self-presentation of historical truth in the particular, in the different, in resume, in what is marginal to the system.*

Key-Words: *History. Theology. Messianic Redemption. Walter Benjamin*

1 Introdução

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

Benjamin e outros representantes da Teoria Crítica encontraram o irracional (representado pelos totalitarismos) se originando sob a aparência de um determinado modo de racionalidade: a chamada *razão instrumental*: é a racionalidade científica, típica do positivismo, na qual a ciência e a técnica se colocam a serviço do capitalismo, na forma de dominação da natureza (interior e exterior) para fins lucrativos. Os filósofos da Teoria Crítica assumiram a denúncia a todo o complexo capitalista burguês apoiado nessa forma de razão, pois a ciência e a técnica não são condições para a emancipação da humanidade. A modernidade está em crise, e essa crise decorre da crise da razão. Benjamin se posiciona contra o conceito de progresso (*Fortschritt*) derivado dessa interface da razão que absolutiza a ciência e sua derivação no tecnicismo. Pois o filósofo constata sua consequência nefasta no amontoado de ruínas, que a *fantasmagoria* da metrópole moderna tenta disfarçar. Dessa forma o método de Benjamin, para a construção de um conceito histórico, que possa combater as turbulências causadas pelo Historicismo, com seu *tempo homogêneo e vazio* (*homogene und leere Zeit*) (BENJAMIN, 1984, 229), se dá através de um olhar atento ao passado desfigurado pelo sofrimento e de um voltar-se para a remissão messiânica da sua realidade.

O que se insere neste trabalho é uma abordagem da concepção de história feita por Benjamin que resgata o caráter *messiânico* de redenção, no tempo do agora - *Jetztzeit* (BENJAMIN, 1985, 230), o único possível para construir as bases sólidas de uma história universal que corresponda à humanidade redimida: o tempo da redenção, “o agora, que como modelo do messiânico, abrevia num resumo incomensurável a história de toda a humanidade, coincide rigorosamente com o lugar ocupado no universo pela história humana” (BENJAMIN, 1984, 232). Para chegarmos a esse desfecho traçaremos um percurso pelas suas teses *Sobre o conceito de história*, escrito no mesmo ano do desaparecimento de Benjamin. Não se pode negar que nesses escritos Benjamin é opositor ferrenho do positivismo das ciências humanas que pretendia ter uma validade universal. A história tal qual ela é, só é codificada quando se revela o que estaria por debaixo do movimento

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

histórico. Ou seja, a Teologia. Assim seu sentido só é compreendido quando relacionamos o elemento messiânico e o materialismo histórico produzindo uma tensão analítica contra a visão positivista.

Não se objetiva neste trabalho, abordar de forma detalhada cada uma das teses. Faremos umas considerações mais gerais sobre as mesmas, buscando sobretudo refletir como se dá esse processo histórico que nos remete ao passado e nos faz voltar ao presente. Como diz Gagnebin “[...] as teses não são apenas uma especulação sobre o devir histórico ‘enquanto tal’, mas uma reflexão crítica sobre nosso discurso a respeito da história (das histórias), discurso esse inseparável de uma certa prática.” (GAGNEBIN, 1994, 7)

2 Materialismo histórico, Teologia e Messianismo

A onda temerosa de acontecimentos que vinham se alastrando no continente europeu em meados do século XIX serviu de estímulo direto para a redação de suas teses *Sobre o conceito de História* de 1940. Conceito este de caráter materialista e teológico. A partir da primeira tese Benjamin já inicia fazendo uma crítica ao materialismo histórico ortodoxo. O filósofo observa à história e volta seu olhar para aquilo que está escondido sob ela, ou seja, uma “teologia” do qual o próprio materialismo precisa se servir para levar a sério os seus propósitos críticos.

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contra jogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco em trajes turcos, com um narguilê à boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzia, por fios, a mão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contra partida dessa aparelhagem. O boneco chamado "materialismo histórico" deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente, é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver. (BENJAMIN, 1940, tese I)

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missionária-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

De maneira alegórica¹ o autômato é um boneco chamado “materialismo histórico”, não o verdadeiro materialismo, mas sim aquele tachado como tal pelos porta-vozes do marxismo de sua época. Este autômato construído para atuar como um jogador de xadrez e pronto para vencer qualquer partida representava para Benjamin o método que percebe a história como um tipo de máquina que conduz automaticamente para o triunfo do socialismo. Para esses autômatos o desenvolvimento das forças produtivas e o progresso econômico levariam a crise do capitalismo e posterior vitória da classe operária. Porém esse boneco não é capaz de vencer a partida. Porque ganhar o jogo implica, sobretudo, levar em conta a história dos opressores e vencer as forças inimigas. Corrigir o materialismo histórico significa dizer que não basta expor ao público o verdadeiro mecanismo do autômato, que ao invés de ser encantado, não passa de um anão feio e corcunda chamado teologia, mas é imprescindível apresentá-lo como agente responsável pela ação de todo movimento da história.

A Alemanha fascista daquele período era justamente a história dos vencidos, o inimigo histórico no qual era necessário lutar, pois aquele período denunciava uma catástrofe avassaladora que estaria por vir. Vencer este rival significava, portanto decidir o futuro da humanidade. Assim Benjamin constrói um pensamento em que se funde materialismo histórico e teologia, ambos estariam a serviço um do outro. Ou seja, uma visão da história que não leve em conta apenas a “luta das coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas espirituais”, (BENJAMIN, 1940, tese IV), pois as necessidades materiais não excluem as necessidades espirituais, uma vez que matéria e espírito são indissociáveis. Para o materialismo a concepção universal da história é

¹ Etimologicamente, alegoria deriva de *allos*, outro e *agoreuein*, falar na agora, usar uma linguagem pública. Falar alegoricamente significa, pelo uso de uma linguagem literal, acessível a todos, remeter a outro nível de significação: dizer uma coisa para significar outra. Cf: Benjamin, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Trad: Sergio Paulo Rouanet, ed. Brasiliense, 1984, pág. 37.

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

composta pelos modos de produção. Para Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*² a transformação da história não é um mero ato abstrato.

Todavia, é importante destacar que Benjamin não toma como objeto de ataque o pensamento de Marx propriamente dito. Na realidade, o autor compreende que o objetivo de Marx era reduzir as formas científicas nas quais se havia desenvolvido o conteúdo verdadeiro do materialismo. O conteúdo crítico das Teses dirige-se, deste modo, ao “atraso filosófico” do marxismo ortodoxo tendo em vista de que seus intérpretes fundaram uma corrente que pretendia ser “científica”, entregando-se no final a algo mais semelhante a um determinismo vulgar. Portanto todo projeto de reconstrução do materialismo histórico, por assim dizer, só poderá ser um empreendimento viável se houver, por detrás do conhecimento da história, o elemento messiânico ou teológico. Para o autor a teologia seria o espírito messiânico, sem o qual o materialismo histórico não poderia vencer o fascismo. Pois na luta de classes estão presentes também a coragem, o humor, a confiança etc. Walter Benjamin traz de volta à vida o materialismo histórico quando o complementa com uma visão messiânica que sem ela, o materialismo não é mais que um autômato, um modelo determinista de explicação da história, que não rompe com a visão evolucionista de “progresso” (*Fortschritt*)

Teologia em si, significava para Benjamin “memória” e “redenção messiânica”, ambos componentes primordiais para o seu novo conceito de história. No mais apurado termo, em Benjamin o estudo do divino não visava uma contemplação das verdades eternas, tão pouco uma reflexão acerca do Ser, mas deveria estar no mundo, a serviço na luta pelos oprimidos. Em outras palavras ela deve estabelecer a força motriz, messiânica, revolucionária, do materialismo histórico. É esse carácter messiânico que fará com que o autor tenha uma visão positiva do passado, pois segundo ele “o passado leva

² Essa transformação da história em História Mundial não é, de modo nenhum, um mero ato abstrato (consciência de si, do Espírito do mundo, ou de qualquer outro aspecto metafísico, mas um ato totalmente material, demonstrável empiricamente, um ato cuja prova é fornecida por cada indivíduo no seu dia a dia, ao comer, ao beber e ao vestir-se (MARX e ENGELS, 10984, 44).

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção.” (BENJAMIN, 1940, tese II).

Enquanto existir almas que sofrem, que não tem direito à felicidade e à realização não há progresso.³ Benjamin em 1937 critica o carácter idealista de Horkheimer de uma concepção de história inacabada. O berlinense atribuía uma qualidade teológica redentora à rememoração, a seu ver, capaz de tornar inacabado o sofrimento aparentemente definitivo das vítimas do passado. Em teses gerais o que o Benjamin propõe é justamente a reparação que como veremos mais adiante é a emancipação dos oprimidos. Ou seja, a reparação das injustiças passadas e a realização da utopia social. Redenção messiânica constata com a teologia, uma vez que o messias da história não seria mais enviado do céu, mas emergiria de nós mesmo. Deus está ausente e cabe à figura humana conceber e ser autor dessa história. Porém essa redenção é apenas uma possibilidade pequena que é preciso saber agarrar. “A verdadeira imagem do passado passa célere e furtiva. É somente coo imagem que lampeja justamente no instante de sua cognoscibilidade, para nunca mais ser vista, que o passado tem de ser capturado. A verdade não nos escapará.” (BENJAMIN, 1940, tese V) Benjamin critica o otimismo do pensamento sobre a verdade. A verdade escapa sim, para aqueles que não estiverem atentos ao desenrolar dos acontecimentos. Já *O caráter destrutivo* tem a consciência do homem histórico cujo sentimento básico é uma desconfiança insuperável na marcha das coisas e a disposição com que a todo momento toma conhecimento de que tudo pode andar mal. Por isso o caráter destrutivo é a confiança em pessoa” (BENJAMIN, 1987, 237)

Esse poder messiânico não é apenas o de contemplação: o olhar voltado para o passado como muitos pensaram, é, sobretudo, também ativo,

³ Aqui neste ponto, Benjamin revela ter encontrado em Lotze um apoio para as suas reflexões filosóficas. Lotze não concorda com a concepção de história que rejeita as reivindicações passadas e que considera que o sofrimento de gerações passadas foi irrevogavelmente perdido. É preciso, insiste ele, que o progresso se realize também para gerações passadas de modo misterioso. CF: LÖWY, Michael. **Alarme de Incêndio: uma Leitura das Teses Sobre o Conceito de História**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005, 49.

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

pois o processo de redenção consiste no *fazer revolucionário* que se realiza no presente.

Podemos perceber que na filosofia benjaminiana não significa reviver o passado, mas dar atenção às aspirações passadas, não realizadas que precisam ser redimidas no presente por um ato consciente e voluntário de nossa responsabilidade, para acatar com as vozes dos que participam apenas na memória. A redenção exige a rememoração integral do passado sem fazer distinção de acontecimentos ou indivíduos, ou épocas. Não importa se são grandes ou pequenos. “Enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não haverá libertação.” (LOWY, 2005, 54)

Seu pensar, nos chama atenção para o papel do historiador é um narrador que deve contar os fatos históricos de maneira neutra, sem empatia. Uma história que não exclua a agudeza dos detalhes, mesmo aqueles mais insignificantes. Deve recusar todo e qualquer preconceito e contar a história tal qual ela é. “o cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história.” (BENJAMIN, 1987, tesell) O historiador é um profeta com o olhar voltado para trás. A história, ao mesmo tempo em que está distante, está, também, em nós de forma real e indestrutível.

A história geral seria, portanto, o resultado de uma “traduzibilidade das línguas de todos os povos” em uma só história da humanidade que valorizasse, a maneira de um mosaico medieval, a beleza do todo, a partir da singularidade de cada povo, o que só seria possível se essa iniciativa possuísse, na sua essência, um fundamento teológico. É nisso que Benjamin insiste nas quatro primeiras teses de “Sobre o Conceito da História”: “a compreensão revolucionária da história” tem tudo a ver com categorias teológicas secularizadas. (CALLADO, 2016, 176)

Não existe salvação se não há transformação revolucionária da vida material. Tal como Benjamin cita Hegel em uma de suas teses, mais especificamente a IV em que o idealista alemão, numa carta de 1807 dirigindo-se ao major Knebel, diz; “Buscai primeiro, o quê comer e vestir, e o reino de

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missionária-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

Deus vos admirará por si.” O filósofo idealista mostra o materialismo de forma elementar. Como diz também Paulo Suess em seu livro *Impulsos e intervenções* O Reino de Deus “virá quando houver para todos um lugar na mesa. Mas ele virá como memória daqueles que, castigados por fome e desprezo, caíram no túmulo do esquecimento.” (SUESS, 2012,113). O filósofo reinterpreta o materialismo de Marx dando-lhe uma dimensão dialética do material e do espiritual na luta de classe que vai além da infra-estrutura e da superestrutura. Como diz Lowy “o que está em jogo na luta é material, mas a motivação dos atores sociais é espiritual. Se não fosse estimulada por algumas qualidades morais a classe dominada não conseguiria lutar por sua libertação.” (LOWY, 2005, 59). Portanto o conceito de materialismo histórico, não é o filosófico abstrato, mas a luta de classes. É ela que permite compreender passado, futuro e presente.⁴ Benjamin vai contra uma visão evolucionista da história como progresso que pressupõe certa liberdade. Ele percebe a conquista dos vencidos como a vitória da classe dominante. Assim deve-se lutar para que o sol do futuro se torne o sol do presente.

3 O anjo da História e a abertura histórica

Existe um quadro de Klee intitulado “Angelus Nouus”. Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá às costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. BENJAMIN, 1940, tese IX)

⁴ O que interessa a Benjamin não é as forças produtivas, as formas de propriedade ou estado, a evolução dos modos de produção, mas sim a luta constante até a morte entre opressores e oprimidos.

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

Esse anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas é o anjo da história. Trata-se de uma alegoria entre o sagrado e o profano, cujo significado retrata o “progresso” responsável por uma tragédia sem fim “um amontoado de escombros que cresce até o céu”. Esse progresso que invade lares, trás desemprego, polui, mata, destrói e apesar disso é sublimado constantemente pela mídia e pela ideologia dominante.

A crítica que Benjamin faz ao trabalho se refere também à relação depredatória deste com a natureza, à relação utilitária da natureza pela sociedade em nome do progresso técnico e da produção de mercadorias. Neste sentido, compreende-se o anjo, face torturada, observando a pilha de escombros a acumular-se à sua frente sem que nada possa fazer a respeito, simplesmente por causa da "tempestade" chamada progresso.

O Anjo da História gostaria de parar, cuidar das feridas das vítimas esmagadas sob os escombros amontoados, mas a tempestade o leva inexoravelmente a repetição do passado: novas catástrofes, novas hecatombes, cada vez mais amplas e destruidoras. (LOWY, 2005, 90)

Esses massacres da história era a expressão usada por Benjamin para se contrapor a filosofia hegeliana que de uma certa forma legitimava cada ruína como etapa necessária para a marcha triunfal da razão como momento inevitável do progresso da humanidade rumo à conscientização da liberdade. Para Benjamin as ruínas representam o destino substancial, o verdadeiro resultado da história universal. A tempestade evocada no quadro é para o filósofo extraída da linguagem bíblica. De acordo com o modelo judaico foi devido ao dilúvio que matou a humanidade e a tempestade de fogo, que as duas cidades: Sodoma e Gomorra foram destruídas. Então deter esse “progresso” (*Fortschritt*) vé possível? Para o filósofo a resposta é dupla: religiosa e profana.

Na esfera teológica a tarefa do messias é simplesmente fazer *Revolução*. “Somente o Messias poderá fazer o que o anjo da História é

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

impotente para fazer” (LOWY, 2005, 94). Deter a tempestade, cuidar dos feridos, restituir o que foi quebrado é justamente à restituição messiânica do estado originário. É preciso voltar a uma sociedade sem classes, assim como era nas primeiras comunidades primitivas. Essa volta perpassa pelos escombros, recolhendo os cacos e construindo uma nova figuração. Assim podemos construir o grande mosaico. Para ele a realidade se constitui de fragmentos nas reconfigurações da memória, não a partir de um lugar fixo, mas movendo-se em uma constelação de ideias. Para o autor é importante revisar a parte negativa, anteriormente excluída, para fazer surgir, diante de uma mudança de ângulo de visão, novamente algo de positivo por que a história também está em constante devir.

O que se impõe é a mudança de uma visão da história em alternativa e é precisamente nas ruínas do paradigma da Razão histórica, que a esperança se anima e conquista um novo fôlego. É nas cinzas do Progresso que a chamada utopia se ergue. A utopia que não pode mais ser pensada como a crença no acontecimento necessário do Ideal no termo mítico da história, ressurgue – através da categoria de Redenção – como a modalidade do seu acontecimento possível a cada instante de tempo. No modelo de um tempo aleatório, aberto a todo o momento à erupção imprevisível do novo, a realização eminente do ideal torna-se pensável, como uma das possibilidades oferecidas pela insondável complexidade dos processos históricos. Percebe-se aqui que a concepção do tempo do agora (*Jetztzeit*) é o instante que interrompe o *continuum* da história.

A ideia de progresso destrói a natureza de criação. A ciência quer universalizar tudo perdendo, de fato, a história original. Tudo se torna tão automático que as coisas se repetem sempre. É preciso construir outra mão, escapar ao eterno devir imposto pela concepção historicista de um tempo homogêneo e vazio. É necessário observar os elementos isolados e heterogêneos na construção da totalidade, enquanto forma de conhecimento que emerge do homem natural, como criatura. Diz Walter Benjamin:

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

[...] A primeira etapa para esse caminho será aplicar à história o princípio da montagem. Isto é: erguer as grandes construções a partir de elementos minúsculos, recortados com clareza e precisão. E, mesmo, descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total [...] (BENJAMIN, N2, 6)

Podemos pensar num jogo de quebra-cabeça cujas peças devem encaixar-se peça por peça formando um todo coerente, sem buracos ou rupturas e no final a configuração lógica. Este jogo de quebra-cabeça consiste em inserir peça por peça uma na outra, com ajuste perfeito de contornos, até que todas as peças estejam colocadas corretamente e a imagem final seja coerente com o sentido. É dessa forma que Benjamin cria o método da montagem, a partir do mosaico medieval, em que cada peça possui sua singularidade e contribui para a beleza do todo plástico. A História se reconfigura a partir das particularidades, também do que jaz diferente, e portanto marginal ao sistema, do que não pertence ao eixo central. Lembremos que “não há nenhuma analogia entre a relação do particular com o conceito e a relação do particular com a ideia. No primeiro caso, ele é incluído sob o conceito e permanece o que era antes – um particular. No segundo, ele é incluído sob a ideia e passa a ser o que não era – totalidade” (BENJAMIN, 1984, ,68-69). A estética do mosaico medieval configura a lógica desse modelo, que já se encontra no tratado. O tratado dispõe de um fôlego incansável para justapor fragmentos de pensamento, do mesmo modo que o mosaico justapõe fragmentos de imagens. Enfim o sistema visa apropriação; ele quer assegurar –se da posse de seu objeto, já o tratado procede pela representação: descrição do mundo, que não violenta os matizes e as nuances do pensamento, já que nessa descrição é a própria verdade que se autorepresenta para a construção de conceitos, não para dominar as coisas, mas para redimi-las. Esses fragmentos são como pequenos cacos de um grande mosaico ou vitral messiânico reivindicando o sentido para o materialismo.

CONCLUSÃO

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

Como foi possível analisar, Benjamin procurou responder à compreensão de história materialista a partir da teoria da experiência histórica que, toca a questão sobre o tema política da história dos vencidos, assim como da tradição messiânica judaica. Por isso, sua obra, traz consigo elementos teológicos e materialistas. Sua crítica ao materialismo tradicional, caracterizado pelo determinismo, é notável. Não se trata de apontar, exclusivamente, a ineficácia da teoria materialista e, com isso, apontar o que seria a verdade sobre uma obra ou um ator, mas de fazer notar a necessidade de descoberta daqueles acontecimentos, motivados por um espírito, não valorizados pela análise da história.

Com isso Benjamin quer denunciar os limites de uma obra histórica, como também, e principalmente, a coercitividade com que ela é transmitida, sempre sustentada pela história das classes dominantes. Por isso, Benjamin “procurou descobrir um potencial emancipatório não realizado nos fatos considerados inúteis e irrelevantes pelas classes vencedoras”.

Dessa forma, Benjamin postula uma verdade para além da história, pois a verdade do passado está naquilo que ele encerra e, por isso, a tarefa do historiador será revelar o que foi esquecido do passado e que ele pode revelar ainda mais o que já fora revelado: tirar todos aqueles elementos que poderiam fazer da história humana outra história daquela transmitida. Fundamentalmente, “a empresa crítica converge, assim, para a questão da memória e do esquecimento, na luta para tirar do silêncio um passado que a história oficial não conta”.

REFERÊNCIAS

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre a literatura e a história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet, Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1987 3º edição.

_____. *Teses Sobre o Conceito da História*. In: LÖWY, Michael. **Alarme de Incêndio: uma Leitura das Teses Sobre o Conceito de História**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. **Origem do drama barroco alemão**. Trad: Sergio Paulo Rouanet, ed. Brasiliense, 1984.

CALLADO, Tereza de Castro. **Resenha de Francisco de Ambrósio Pinheiro Machado. Imagem e consciência da História: pensamento figurativo em Walter Benjamin**. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo- Edições Loyola, 2013. In: - Cadernos Walter Benjamin – N.16, Jan-Jun 2016, acessível em www.gewebe.com.br .

CIRNE, Lima Carlos. **Dialética para principiantes**. Potro Alegre: Edipucrs, 1996.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo. Editora Moraes, 1984.

SUESS, Paulo. **Impulsos e intervenções: atualidades da missão**. São Paulo: Paulus, 2012. (coleção comunidade e missão).

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará, Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: annailec@yahoo.com.br

Mestranda do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. Possui especialização em Ensino de Filosofia pela Faculdade de Educação e Tecnologia da região missioneira-FETREMIS. Brasileira, residente em Fortaleza-CE. Email: eliudelima@hotmail.com